



## **A Gazeta na Sala de Aula: valores em circulação<sup>1</sup>**

Marilene Lemos Mattos Salles<sup>2</sup>  
Faculdades Integradas São Pedro - FAESA  
Universidade Federal do Espírito Santo

### **Resumo**

A proposta deste artigo é identificar quais valores são colocados em circulação pelo programa A Gazeta na Sala de Aula, a partir da análise da organização discursiva de uma apostila de apoio utilizada pela empresa jornalística em oficina de professores/tutores. O programa é desenvolvido pela Rede Gazeta de Comunicação, em Vitória, Espírito Santo. Busca-se com a pesquisa compreender o campo da Comunicação enquanto área de conhecimento e a sua interface com outros campos do saber. A base epistemológico-metodológica predominante será a Semiótica Discursiva, também conhecida como Semiótica Gremasiana.

**Palavras-chave:** comunicação; educação; semiótica.

### **Comunicação e Educação: campos de conhecimento e práticas sociais**

Os meios de comunicação têm papel relevante na circulação de informação para os vários segmentos da sociedade, e também podem ser usados, especificamente, nas escolas. A mídia e a escola são duas instituições sociais inseridas em um contexto de diversidades e de relações comunicacionais. Com o avanço da tecnologia estas relações são ainda mais estreitas. Revistas e jornais são utilizados em sala de aula, como material de apoio didático-pedagógico, no formato impresso ou digital. “O mundo dos *media*, [...], passou a dialogar de maneira mais ou menos integrada às aulas e às práticas escolares [...]”, lembra Citelli (2004, p.18).

O uso de jornais em sala de aula como material didático acontece desde o início do século XX, quando o educador francês Célestin Freinet, professor em uma escola rural na França, introduz a imprensa na escola, com o intuito de fortalecer a relação entre os alunos. Com o desenvolvimento da indústria cultural, as relações entre comunicação e educação se estreitam.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas São Pedro (FAESA), email: marilenemattos@aev.edu.br



Em 1932, o jornal norte-americano *The New York Times* implantou o primeiro programa de jornal e educação do mundo, que consistia na distribuição de jornais nas escolas. No Brasil, a aproximação entre escolas e meios de comunicação aconteceu na década de 80. O *Jornal Zero Hora* foi o primeiro a desenvolver um programa educativo em escola. A experiência que começou em Porto Alegre em 1980 expandiu para o interior do Rio Grande do Sul em 1984.

No Espírito Santo o jornal *A Gazeta* implantou o programa *A Gazeta na Sala de Aula* em 1995. Seguindo as diretrizes do Programa *Jornal e Educação*, da Associação Nacional de Jornais (ANJ), de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes através do incentivo à leitura.

Para incentivar a leitura utilizando produtos comunicacionais é necessário fazer relações dos conteúdos publicados com a realidade social, inclusive colocando em debate o que não foi dito pela mídia. “Ao usar o jornal como material de apoio didático, o professor estará aproximando a escola do mundo que a cerca”, explica Bahia (2005, p. 79).

Habilitar o aluno a fazer leituras críticas e, desta forma, interagir com o mundo a partir dos textos é uma forma de promover a leitura enquanto prática social. Para Quevedo (2002) auxiliar na formação de futuros leitores é um compromisso social. Desta forma, a leitura não é apenas um processo de decodificação de signos. Ler implica em ter competência formal e política.

Enquanto práticas sociais, tanto a comunicação como a educação, pulsam a partir das relações entre as pessoas. São processos criadores e carregados de sentido, que são produzidos na medida em que os diferentes atores sociais se constituem enquanto sujeitos interlocutores.

A possibilidade de uso dos jornais como ferramenta para o ensino, coloca a comunicação na escola em uma posição de agregar valor à aprendizagem. A partir desta premissa, Fonseca (2004) traz uma reflexão da comunicação enquanto processo, e não enquanto produto. A pesquisadora utiliza o termo “processos comunicativos” para destacar “a pluralidade das situações, dos lugares, da experiência dos interlocutores, dos significados coletivamente instaurados” (2004, p. 42). É a partir desta pluralidade que buscaremos identificar quais valores são colocados em circulação pela *Rede Gazeta*, a partir do programa *A Gazeta na Sala de Aula*.



## **A Gazeta na Sala de Aula**

A Gazeta na Sala de Aula é um projeto social da Rede Gazeta de Comunicação, maior empresa de comunicação atuante no Espírito Santo. A Rede Gazeta produz dois jornais de circulação em todo o Estado, emissoras de televisão, rádio e internet. O jornal A Gazeta, que deu origem ao programa A Gazeta na Sala de Aula, começou a circular em 1928 e, atualmente, tem aproximadamente 279 mil leitores.

O programa A Gazeta na Sala de Aula começou com a participação de quatro escolas. Em 1996, um ano depois de sua implantação, o número de escolas chegou a 310. Atualmente, são 357 escolas participantes – a maioria da rede pública de ensino, abrangendo cerca de 30 mil alunos e 632 educadores.

Para conduzir o programa a empresa tem uma equipe formada por três pessoas: duas pedagogas e uma estagiária de Pedagogia. A equipe organiza oficinas pedagógicas, encontros regionais, seminários, jornada, concurso e acompanha as ações desenvolvidas pelos municípios que participam do projeto. Cada professor participante, entre os meses de março a novembro, recebe vinte jornais mensais. Os jornais são entregues na secretaria de educação dos municípios para que sejam repassados aos professores.

Anualmente, a primeira etapa do programa é uma oficina pedagógica com monitores que são representantes da área de educação de cada município participante. Em 2011, a oficina aconteceu no dia 24 de março, quando o tema “Escola e Família: tempo de paz” foi apresentado como a temática anual a ser trabalhada. Os monitores receberam uma apostila organizada pela empresa jornalística, que consiste em recortes de matérias jornalísticas publicadas nos veículos de comunicação da Rede Gazeta com orientações de como este material pode ser trabalhado com alunos.

Partindo da afirmação feita por Fonseca (2004, p. 60) de que a “presença dos meios de comunicação não é neutra, reorganiza as relações das pessoas entre si e com o ambiente”, analisaremos a apostila organizada para o ano de 2011. Para a análise a base epistemológico-metodológica predominante será a Semiótica Discursiva, também conhecida como Semiótica Gremasiana.

A Semiótica Gremasiana busca interrogar situações do mundo e fazer-ver num quadro geral o campo de significação. Procura explicar “o que o texto diz” e “como diz” pela descrição dos procedimentos da organização textual. Um estudo a partir dos modos



de produção de sentido, das interpretações, das dimensões semi-simbólicas do discurso. (GREIMAS E COURTÈS, 1979, p. 228).

Para a Semiótica Discursiva o que interessa é apreender do discurso a sua significação como processo de produção do sentido, em sua articulação e no interior do texto. Sendo o discurso entendido por Greimas como “o encadeamento da significação, segmentável, estruturável em seqüências organizadas [...]” (1995, p.120). Para a análise de discursos, a Semiótica não vai buscar elementos da ordem do histórico fora do texto, já que ele é uma totalidade de significação. E, é o sujeito que

ao tomar a palavra constrói enunciados, constrói também, como reflexo e como origem, a situação de que fala. Esse mundo construído, que é, ao mesmo tempo, linguagem verbal e outras linguagens, está dado no discurso [...]. (TEIXEIRA, 1996, p. 92)

Ao “tomar a palavra” o sujeito enunciativo utiliza-se de procedimentos argumentativos para que o enunciatário admita o seu discurso enquanto “verdadeiro”, tornando válido o sentido produzido. “A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado”, conclui Fiorin (1993, p.52).

O discurso tem capacidade de “agir” e “fazer-agir” transformando, na maioria das vezes, as relações entre os sujeitos lingüísticos. Desta forma, o discurso é espaço de interação, como explica Eric Landowski ao desenvolver os estudos sociossemióticos. Uma abordagem teórica que não abandona os pressupostos da semiótica greimasiana e que tem como foco de estudo o discurso e a enunciação, incluindo as relações entre os discursos, as práticas e seu contexto. Uma relação entre texto e contexto de produção.

### **Escola e Família: tempo de paz**

A apostila Tempo de Paz faz parte da primeira oficina do programa A Gazeta na Sala de Aula, do ano de 2011. Esta oficina é identificada como Oficina A e é elaborada pela Rede Gazeta para ser trabalhada com os monitores do projeto, que são pedagogos ou professores dos municípios da Grande Vitória e interior do Espírito Santo.

No encontro em que o material foi apresentado estavam presentes 26 participantes. A pedagoga responsável pelo projeto e pela elaboração do material explicou ao grupo que a proposta é trabalhar de forma a conscientizar professores de que na sala de aula existem vidas. São vidas apresentadas pelo enunciativo de A Gazeta



na Sala de Aula na capa da apostila, que tem o tamanho de uma folha A4. Uma imagem fotográfica centralizada na página ocupa a maior parte do espaço da capa. A fotografia traz a imagem de quatro crianças sentadas na borda de um píer olhando o horizonte – o mar, que se amplia por todo azul da capa. As crianças estão abraçadas de forma que o braço de uma passa pelos ombros da outra – construindo a figura que nos remete a uma corrente.



A logo do programa A Gazeta na Sala de Aula foi posicionada como parte da fotografia. O nome A GAZETA escrito em azul tem tamanho de fonte maior do que “NA SALA DE AULA”. Além dos elementos verbais, a logo é representada pela figura de um boneco, que nos faz lembrar uma criança lendo jornal – o jornal A GAZETA.



Enquanto o tema da apostila – Tempo de paz – ocupa o alto da página em letras pretas e em cima do azul da capa.

O leitor, enquanto enunciário, observa as crianças que estão de costas olhando o horizonte, que apresenta a perspectiva de tempo de paz. A organização dos textos verbal e visual indica a direção do olhar.



Ao folhear a apostila o enunciatório encontra o discurso do enunciador organizado em diferentes gêneros textuais (entrevista, notas, reportagens, cartas, etc). Na primeira página a apostila traz uma entrevista com Roberto Carlos Ramos que é contador de histórias e ex-aluno da Febem. O fio condutor da entrevista é mostrar que o afeto faz a diferença na vida de uma pessoa. Semelhante a fala da coordenadora do programa A Gazeta na Sala de Aula, quando ela diz que existem vidas na escola.



Rua Chafiz Murad, 902 - Monte Belo, Vitória, ES - CEP 29053-315 - Tel. (27) 3321-8456 - Fax (27) 3321-8730  
E-mail: [agazetasaladeaula@redgazeta.com.br](mailto:agazetasaladeaula@redgazeta.com.br) Hot site: [www.gazetaonline.com.br/saladeaula](http://www.gazetaonline.com.br/saladeaula) Orkut: A Gazeta na Sala de Aula

18 | A GAZETA Vitória (ES), domingo, 12 de dezembro de 2010

Entrevista >>> POR PRISCILLA THOMPSON [priscilla@redgazeta.com.br](mailto:priscilla@redgazeta.com.br)

Roberto Carlos Ramos >>> CONTADOR DE HISTÓRIAS E EX-ALUNO DA FEBEM EM MINAS GERAIS

## Ninguém é irrecuperável

Roberto Carlos, que fugiu mais de 100 vezes da antiga Febem, usa a sua história para mostrar como o afeto faz diferença

Filho caçula de uma família de nove irmãos, Roberto Carlos Ramos, 45 anos, foi "escolhido" aos 6 anos de idade pela mãe para ser alguém na vida. Para um menino que morava em uma favela de Belo Horizonte (MG), na década de 70, a chance disso acontecer estava em um único lugar: a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem). Foi lá, porém, que ele aprendeu a roubar e a desconfiar do ser humano. Mas foi também onde conheceu a pedagoga francesa Margherit Durvas, que mudou o rumo de sua história, aos 13 anos. Na semana passada, ele veio ao Estado falar para diretores de escolas da Secretaria de Educação do Estado, e conversou com A GAZETA.

### ■ Como foi passar parte da infância longe da sua família?

Quando a gente é pequeno, não tem noção de que poderia viver em melhores condições. Na Febem, eu só lembrava que na infância, apesar da situação de pobreza da minha família, eu tinha afeto, tinha carinho. E por mais difícil que a coisa parecesse, tinha a ideia de fortaleza, que eram o pai e a mãe juntos. Na Febem, nós tínhamos arroz, feijão, carne, leite. Tinha uma escola com piscina. Mas me faltava algo que eu não sabia o que era. E eu fugia diariamente de lá em busca desse algo. Hoje eu entendo que, quando o ser humano transgredir e pela falta, sobretudo, de afeto. E essa falta culmina na falta de ética, de moral, de cidadania, de civilidade.

### ■ Isso provocava um sofrimento maior que o das dores físicas?

Se você me perguntar se eu sofria muito, eu vou dizer que não. Passei sete anos na Febem, e era normal apanhar diariamente de um professor, ser castigado ou ser afogado em um tanque d'água. Tinha tortura, tinha espancamento e até pau de arara. Eu não me revoltava contra isso, porque foi só a partir do momento que tive contato com a Margherit e que vivenciei uma realidade completamente diferente é que percebi que aquilo não era normal. Mas aí, um dia ela falou comigo: "Quando a gente se torna consciente de algumas situações, a gente pode assumir duas posturas: ou a gente chora com a nossa própria história ou a gente passa a vender lenços com ela". Eu escolhi vender lenços.

### ■ A Febem chegou a considerá-lo "irrecuperável"? Você acredita que alguém seja?

Não, de forma alguma. Tanto é que eu acabei adotando 25 crianças, todos com 10, 13 anos de idade, com todo tipo de rótulo; principalmente, de descrença por parte da humanidade. Hoje, tenho filhos que são casados. Já sou avô. São homens de bem, que trabalham e estudam. Não existem pessoas irrecuperáveis. O que existe são pessoas que não foram entendidas, amadas ou não tiveram oportunidades adequadas.

### ■ Como você conduz essa grande família?

Desde o início, queria que minha casa não fosse um abrigo, mas uma família. E a nossa casa é do tamanho do nosso sonho: tem três andares, estilo colonial e com piscina (risos). Ela foi construída em Ibirité (MG). Primeiro fizemos o projeto. Aí eu disse: "Para construirmos, precisamos de dinheiro. Então, cada um vai ter que fazer aquilo que sabe fazer melhor". Um sabia lavar carro, outro era jardineiro, outro era serralheiro. O primeiro andar da casa nós construímos quase todo fazendo uma campanha para recolher papel. Foram 38 toneladas. Depois, saímos juntando latinhas: seis toneladas, o nosso segundo andar. O terceiro, com o dinheiro do prêmio que ganhei nos Estados Unidos, em 2001, quando fui reconhecido como um dos 10 maiores contadores de história do mundo. Incentivo os meninos a fazer planos a curto, médio e longo prazo. E o projeto de todos, a longo prazo, é ter a própria casa. O mais interessante é que dois deles também acabaram adotando outras crianças, nas mesmas condições.

“Não existem pessoas irrecuperáveis. O que existe são pessoas que não foram entendidas, amadas ou que não tiveram oportunidades”

2

A partir da entrevista com Roberto Carlos que foi publicada pelo jornal A Gazeta, o enunciador direciona como o professor pode trabalhar o assunto em sala de aula – “Leia uma das histórias [...]”, e também conduz o professor a utilizar não apenas o jornal impresso ao apresentar o endereço eletrônico [www.agazeta.com/diaadia](http://www.agazeta.com/diaadia) e dicas de filmes e livros. Desta forma, A Gazeta na Sala de Aula mostra ser um sujeito competente para guiar o enunciatório-professor na organização de uma aula a partir de recursos midiáticos. O enunciatório entra em conjunção com o objeto valor que é oferecido pelo enunciador.



**A GAZETA NA SALA DE AULA**  
 Rua Duque de Caxias, 402 - Nazaré, Belo, Vitória, ES - CEP 5905-315 - Tel. (27) 3121-8458 - Fax (27) 3121-8730  
 E-mail: gazetainformacao@agazeta.com.br Site site: www.gazetainformacao.com.br

**A trajetória de Roberto**

**ROBERTO** Roberto Carlos nasceu no Rio de Janeiro em 20 de novembro de 1940. Filho caçula de família pobre, cresceu até os 6 anos em uma favela.

**CRISTÓBAL** Durante a idade de uma assessoria social à sua casa, a mãe decidiu enviá-lo para a escola. Roberto, na época, o "Voto branco social do governo".

**USUAL** Aos 7 anos de idade, Roberto começou a trabalhar. Aos 13, já havia trocado mais de 100 vezes a escola matutina, devido ao trabalho em uma fábrica têxtil.

**GRACINDA MARIE** Nessa época, em companhia da professora Margaret D'Amor, em visita ao Brasil, saiu em busca da realidade de Roberto, criando o filme "Contador de Histórias".

**FILME**

- Lançado em 2009, "O Contador de Histórias" (foto), dirigido por Luiz Villaça, relata a história de Roberto. A narração é feita pelo próprio personagem.
- "A Arte de Construir Cidadãos: As 15 lições da Pedagogia do Amor" (Editora Cebralis)
- "When The Night is Dark in Brazil" (Limited Edition/USA)
- "Marambaia" (Editora Dimensão)

**VEJA NO ONLINE**

Leia uma das histórias contadas por Roberto e assista a trecho do filme Pedagogia do Amor:  
[www.agazeta.com/diaadia](http://www.agazeta.com/diaadia)

**FILME**

**Lançado em 2009, "O Contador de Histórias" (foto), dirigido por Luiz Villaça, relata a história de Roberto. A narração é feita pelo próprio personagem**

**LIVROS PUBLICADOS**

- "A Arte de Construir Cidadãos: As 15 lições da Pedagogia do Amor" (Editora Cebralis)
- "When The Night is Dark in Brazil" (Limited Edition/USA)
- "Marambaia" (Editora Dimensão)

Entre os textos que compõem a apostila da Oficina A é possível identificar que além dos textos de linguagem jornalística também são trabalhados os de orientação para uso dos meios de comunicação em sala de aula e informações sobre as características das mídias que compõem a rede de comunicação.

Tais projetos são elaborados pelas empresas de comunicação, sejam elas de meios impressos ou audiovisuais, com o objetivo de divulgar seus produtos/marcas/serviços nas escolas, utilizando-se para isso de suporte pedagógico, sistematizado ou não (manuais do professor, consultorias, demonstrações, eventos especiais como feiras e exposições, programas de visitas, etc). (FONSECA, 2004, p. 46)



Ao promover os seus produtos o enunciador se apresenta de forma valorativa. Ele mostra que está presente em todo estado do Espírito Santo por meio das diferentes mídias.

The image shows a page from the newspaper 'A Gazeta' with several sections circled in blue. Blue arrows point from these sections to a list of media products on the right:

- 1. Redação Multimídia** (points to the 'Por dentro da Rede Gazeta' section)
- 1.1 Jornais** (points to the 'A Dada Gazeta é a mídia' section)
- 1.2 Rádio CBN 1250 AM** (points to the 'A rádio CBN Vitória' section)
- 1.3 Gazeta Online** (points to the 'A Gazeta Online' section)

Observa-se também uma diversificação de notícias na organização da apostila, o que possibilita uma maior identificação do destinatário de A Gazeta na Sala de Aula com o programa. Com a diversificação de assuntos o enunciador se apresenta novamente como sujeito competente, desta vez para desempenhar o seu papel de vigilante social, mas a partir da colaboração da sociedade. Esta colaboração pode ser dada pelo professor ao participar da seção do Leitor ou estimular que os alunos participem.

**Questões para ajudar a formular a carta para a seção Do Leitor**

- 1 - Vocês consideram que o brasileiro segue sua rotina "apesar" da violência? No dia a dia, como vocês lidam com a presença dela?
- 2 - O comportamento dos cidadãos do município de vocês é semelhante ao descrito no texto de Veríssimo? Na opinião do grupo, o que leva as pessoas a "se anestesiarem" diante da situação de violência que vivemos hoje?
- 3 - O que vocês acham do entendimento do Ministério da Justiça, de que pais ou responsáveis legais podem entrar com crianças em sessões, independentemente da recomendação, ou autorizar, por escrito, que assistam a filmes com outros adultos?
- 4 - Vocês já presenciaram algum adulto levando criança para ver filme que não era recomendado para a idade dela? Que reação isso provocou em vocês?





O enunciador do programa também se apresenta como sujeito dotado de um saber para ensinar educadores a trabalhar com o jornal em sala de aula. Expressões como “Apresente a matéria...”; “Converse com os seus alunos...”, “Conduza a leitura...” estão presentes nas sugestões de atividades disponibilizadas na apostila.



Rua Chafic Murad, 902 - Monte Belo, Vitória, ES - CEP 29053-315 - Tel. (27) 3321-8456 - Fax (27) 3321-8730  
E-mail: [agazetanaesalasdeaula@redegazeta.com.br](mailto:agazetanaesalasdeaula@redegazeta.com.br) Hot site: [www.gazetaonline.com.br/saladeaula](http://www.gazetaonline.com.br/saladeaula) Orkut: A Gazeta na Sala de Aula

#### 4 – Dinheiro de plástico

- Conduza uma pesquisa com os pais/responsáveis para verificar se utilizam cartões de crédito e débito, e com que frequência. Procure descobrir que razões os levam a preferir usar o chamado “dinheiro de plástico”, ao invés de emitir um cheque ou trabalhar com cédulas e moedas.
- Desafie sua turma a procurar, nos diferentes veículos de comunicação da Rede Gazeta (jornal, rádio, TV e internet), notícias que tratem do assunto. Uma boa dica é a matéria “Aprenda a se planejar para evitar dívidas ao longo do ano”, exibida no dia 11/01/2011 no ESTV 1ª edição, da TV Gazeta. Outra boa dica é a matéria “23% dos brasileiros têm dívidas cinco vezes maiores que a renda” (p. 37 e 38), publicada no Gazeta Online ([www.gazetaonline.com.br](http://www.gazetaonline.com.br)).
- Promova uma discussão sobre a crescente demanda por uso de cartões e suas causas/consequências.
- Convide algum pai ou responsável para ir até a escola falar sobre como controla os gastos quando usa o cartão, pedindo que conte se costuma usar o limite de crédito e se consegue ficar dentro dele, sem estourar a cota. Peça também que mostre como organiza o orçamento doméstico, e que tipo de itens prioriza na hora das compras. Estimule os alunos a contar também como isso funciona em suas casas.
- Visite com seus alunos a cantina da escola, se houver, ou alguma padaria próxima na qual eles costumem comprar. Peça que listem os itens que estão habituados a comer na merenda, registrando seus preços. Desafie-os a estimar de quantos itens precisariam em um mês, para suprir todos os dias letivos, e fazer o cálculo de quanto gastariam para adquiri-los.
- Provoque uma comparação entre as listas, pedindo que verifiquem se poderiam fazer substituições para que a compra ficasse mais barata. Chame a atenção para o fato de alimentos com personagens estampados em suas embalagens terem, na maioria das vezes, um valor maior.
- Pergunte se os pais/responsáveis costumam dar dinheiro para comprarem lanche, verificando o que poderia ser adquirido com cada quantia recebida.
- Conduza a leitura e a interpretação da matéria “Lição de educação financeira: cartão até para a merenda” (p. 39 e 40), publicada na editoria Dia a dia do jornal A GAZETA de 06/02/2011.

Promova uma conversa sobre seu conteúdo, questionando se os alunos acham o Cartão Estudante uma boa ideia, e se pensam que seria fácil usá-lo e controlar o quanto gastariam.

- Converse sobre a confiança que os pais depositam no filho quando lhe dão um dinheiro para determinada finalidade, e sobre a importância de honrar o combinado, dando o destino correto para o dinheiro e não utilizando-o com outra finalidade. Aproveite para abordar a questão dos alimentos saudáveis (que normalmente são os que os pais querem que os filhos comprem para merenda) e dos alimentos calóricos, com poucos nutrientes (que enchem os olhos das crianças). Comente também sobre a importância do respeito à fila ao comprar o lanche na cantina, e em qualquer lugar onde o critério de atendimento for a ordem de chegada.
- Promova uma simulação de compra de lanche, para que os alunos aprendam a dar a cédula certa, receber e conferir o troco. Um bom exercício pode ser o trabalho com jogos como Banco Imobiliário, que exploram esse tipo de habilidade.
- Convide algum profissional da área de Economia para uma palestra para pais/responsáveis, mostrando de forma prática como controlar os gastos e manter as finanças da família em dia. Dicas de como educar os filhos nesse sentido também podem ser dadas. Você pode convidar ainda um psicólogo, para conversar sobre formas de ter paz no ambiente familiar, apesar de problemas financeiros e de outros de natureza diversa.

#### 5 – Sua vida daria um filme?

- Converse com sua turma sobre o que vem a ser uma biografia, explorando suas características. Relembre alguns casos em que pessoas famosas tiveram suas vidas contadas, seja através de um livro ou um filme. Pergunte se alguém já assistiu a alguma produção desse tipo, ou leu um livro sobre a vida de alguma pessoa. Questione que tipos de pessoas despertam nosso interesse em conhecer suas biografias, e que sentimento temos ao saber que o que estamos vendo ou lendo é baseado em fatos reais.
- Pesquise e apresente para seus alunos trechos de algum livro biográfico ou o trailer de um filme dessa natureza. Lembre-se de observar a adequação da obra à faixa etária atendida.
- Conduza a leitura e a interpretação da sessão “Minha vida daria um filme”, com o título

27

Apesar de ser uma empresa de comunicação, a Rede Gazeta se apresenta a partir de A Gazeta na Sala de Aula como sujeito competente de um fazer educacional, capaz de direcionar o fazer do professor. Uma forma de demonstrar saber que nos remete a Greimas, quando ele diz que é “[...] a partir da ostentação de seu saber que o sujeito discursante corta em fatias e referencializa o discurso anterior”. Essa competência apresentada na organização discursiva da apostila é reforçada pela identificação ao longo de todas as etapas de quem coordena o projeto, uma pedagoga que busca em diferentes ações o envolvimento dos educadores com o jornal.



[...] o potencial oferecido pelo veículo impresso como instrumento pedagógico é bem mais eficazmente trabalhado através de um programa específico, estruturado de preferência (mas não exclusivamente) entre um veículo de comunicação social e as instituições escolares localizadas em seu raio de atuação ou influência. O que envolve não apenas a distribuição de exemplares diários ou cotas de encaixes, mas também e principalmente o necessário acompanhamento pedagógico, a realização de oficinas, palestras e o desenvolvimento de outros mecanismos de envolvimento e interação entre a comunidade escolar e o jornal. (BAHIA, 2005, p.172)

## Considerações

Os meios de comunicação têm papel relevante na circulação de informação para os vários segmentos da sociedade, e também podem ser usados, especificamente, nas escolas. Eles são considerados uma escola aberta pelo impacto ideológico que exercem. “Embora seus conteúdos não sejam estritamente educativos, geram efeitos de socialização capazes de competir com a hegemonia funcional da instituição escolar” (SODRÉ, 1986, p. 99).

O jornal, assim como qualquer produto dos meios de comunicação, é um rico elemento didático pedagógico quando é trabalhado com criticidade pela escola. Para que esta criticidade aconteça o professor deve ser um leitor especializado. Ele não deve ignorar as condições de produção e circulação dos discursos da mídia, assim como os efeitos de sentido produzidos por estes discursos. O material produzido pelo programa A Gazeta na Sala de Aula apresenta aos profissionais de educação uma diversidade de temas, sugestões de sites, livros e filmes, além de orientações de como os produtos comunicacionais podem ser utilizados em sala de aula. Aos professores e pedagogos cabe uma postura crítica e criativa para melhor uso destes recursos. Habilitar o aluno a fazer leituras críticas e, desta forma, interagir com o mundo a partir dos textos é uma forma de promover a leitura enquanto prática social e assim contribuir para a formação de um leitor cidadão.

## Referências bibliográficas

BAHIA, José Péricles Diniz. **Jornal na Escola: estratégias de uso para construção de cidadania.** Bahia: UFBA, 2005.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento.** 3 ed. São Paulo: Senac, 2004.



QUEVEDO, Hercílio. Ler é nossa função essencial (ou não?). In: RÖSING, Tânia; BECKER, Paulo (Orgs). **Leitura e animação cultural**. Passo Fundo: UPF, 2002.

FONSECA, Cláudia Chaves. **Os meios de comunicação vão à escola?**. Belo Horizonte: Autêntica/FCH FUMEC, 2004.

FIORIN, José L. **Elementos de análise do discurso**. 7ed. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e ideologia**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 2001.

GREIMAS, A. J., COUTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima ET alii. São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, A. J.. **Maupassant a semiótica do texto: exercícios práticos**. Trad. T. Michels e C. L. C. I. Geriach. Florianópolis: UFSC, 1995.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

TEIXEIRA, Lúcia. **As cores do discurso**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1996.